

TRADIÇÃO AFRICANA

Espaço crítico e libertador

Irene Dias de Oliveira Cezne

Ao falarmos de África é bom ter presente que estamos falando de grupos populacionais ou étnicos diferentes, com características sócio-culturais próprias e com suas próprias línguas, artes e costumes. Também no campo da organização social, fundamentalmente no que diz respeito à organização familiar, refletida nos diferentes sistemas de parentesco, a diversidade é marcante.

Algumas destas características e diferenças alteraram-se ao longo do tempo; outras mantiveram-se, garantindo assim uma certa continuidade; outras ainda desapareceram ou vão sendo substituídas dentro de uma descontinuidade ligada às dinâmicas impostas pelas condições sócio-econômicas, as migrações, as guerras, as mudanças históricas e outros eventos que se deram ao longo dos séculos.

Apesar das características semelhantes que possam existir entre os povos africanos fica difícil para o estudioso abarcar, na sua totalidade, a realidade africana.

Dada esta complexidade e diversidade, são quase inexistentes os estudos sobre a maioria dos grupos populacionais. No tempo colonial houve um certo interesse em aprofundar os estudos etnográficos e, apesar de estes serem realizados, a partir dos interesses e da perspectiva do colonizador, não deixaram de existir análises equilibradas e corretas da realidade sócio-cultural.

A ausência de documentos dificulta a pesquisa e ao mesmo tempo nos leva a estar continuamente em contato com os mais velhos, os sábios, para poder apreender algo diretamente da tradição oral.

Tendo presente toda esta complexidade falaremos sobre 'Tradição' em África a partir da nossa experiência pessoal, daquilo que aprendi a contato com anciãos e anciãs moçambicanos procurando assim ser o mais fiel possível a arte da transmissão oral ainda tão importante para os povos africanos.

Privilegiamos os anciãos porque é através deles e com eles que podemos acolher o que ainda resta da sua cultura e resgatar a VIDA numa sociedade onde a MORTE, o homem máquina e objeto da sociedade constituíram a tônica e o modelo de uma geração, dando lugar ao vazio ético e cultural, ao ponto de se negar o valor sagrado da VIDA.¹

Ao resgatarmos alguns aspectos da Tradição queremos contribuir também para salvaguardar os valores comuns a todos os grupos étnicos africanos pelos quais eles clamam esperançosos.

1. A SOCIEDADE AFRICANA TRADICIONAL: O PASSADO

A. A religião tradicional

Quando falamos de tradição em África é necessário fazer referência imediata a dois grandes e fundamentais pilasstras: a religião e os antepassados. Tanto um como o outro não podem ser compreendidos separadamente cada um constitui faces diferentes da mesma moeda.

¹ CEM, *Consolidar a paz. Carta pastoral dos bispos moçambicanos*. Janeiro/1994, n.13.

Em África sagrado e profano não constituem setores separados. O sagrado perpassa toda a vida da comunidade. O sagrado não é um fenômeno dominical. As instituições, tais quais a família, o casamento, a organização social, são elas mesmas de natureza religiosa. Se não fossem religiosas seriam inexistentes, sem sentido, e por isso mesmo irrealis porque o sagrado é mais real que o próprio real. Os africanos não têm religião eles são religiosos. A religião é algo que interfere no modo de sentir, de viver e de agir do africano. Ela só pode ser compreendida no espaço sócio-cultural das organizações sociais.

A organização social das comunidades africanas é basicamente centrada na agricultura. O uso da terra cria as bases da família como instituição e do parentesco como ideologia. O grupo familiar se organiza para plantar e para colher mas tal organização não se dá arbitrariamente: ela está baseada na função de poder e de decisão que exercem os mais velhos na comunidade e sobre os mais jovens.

Toda a cultura está centrada nos mais velhos e antepassados. Eles são considerados os donos da terra e os protetores do grupo porque foram eles quem primeiro plantaram e eles são os responsáveis pelo que acontece na comunidade².

Deste jeito crença e organização social estão intimamente ligados e ambas derivam dos antepassados, isto é, daqueles que mesmo mortos são concebidos como atores sociais dentro do grupo, participam da vida do grupo e a influenciam. É o antepassado quem dita as regras e normas de conduta; é o antepassado quem manda a chuva, fecunda a terra e as mulheres³.

São estas crenças que de certo qual modo normatizam as relações sociais e humanas e são celebradas através dos vários ritos entre os quais estão os de iniciação que são verdadeiras escolas de aprendizagem.

A iniciação representa uma instituição fundamental para a formação da personalidade. Ela prepara o jovem e a jovem para terem uma atitude perante a vida, a sociedade e o universo: "trata-se de aprender a viver e não de capitalizar conhecimentos"⁴. A iniciação não só ensina os conhecimentos técnicos requeridos pela sua profissão mas também instrui o jovem acerca da estrutura do universo, sobre aquilo que o homem pode esperar e o que pode fazer⁵.

A religião torna-se portanto um sistema de símbolos que define como o mundo é e estabelece uma postura que a pessoa deverá ter ao longo da sua vida. Estabelece um modo de sentir, viver e agir. Tudo mergulha no sagrado e só tem sentido no âmbito das práticas religiosas.

A religião penetra todos os aspectos da vida, e por isto não se pode fazer uma distinção formal entre o que se considera sagrado e secular. Onde se encontra o indivíduo, aí está a religião no seu aspecto global. O homem leva-a consigo para o campo quando trabalha a sua 'machamba' (ou roça), para a floresta onde vai à procura da caça, leva-a para festejar momentos de alegria e chorar a dor num funeral⁶.

Mesmo as pessoas que saíram do campo para a cidade ou para os países mais próximos, industrializados e urbanizados, não conseguem encontrar nada que preencha, na sua totalidade, este todo que a religião proporciona. Mesmo se convertendo, nas grandes cidades, a outro tipo de religião importada, eles terminam sempre por adotar uma religião

² LUNDIN, B. I., Projeto "*Autoridade, poder tradicional*" documento de pesquisa. UEM (DAAO agosto/1992 pág. 43.

³ Id., p. 38.

⁴ A.A.V.V., *Introdução à cultura Africana*. Lisboa 1977, p. 125

⁵ Id., p. 126

⁶ LUNDIN, op. cit., p. 44.

sincretista afro-cristã, ou, pelo menos seguem parte do conteúdo próprio das religiões africanas, como expressão da integração homem-meio ambiente-organização social.

Não há dualismo na religião tradicional Africana, sendo assim, o corpo não é esquecido a favor do espírito; é por isso que o "tratamento do corpo intervém na relação do homem com a divindade e prova a inadequação do pensamento religioso dualista, em que o corpo é menosprezado em proveito do espírito. (...) As técnicas do corpo desempenham uma função tão importante pois pelo corpo se manifesta a divindade. Na unidade corpo-espírito, indivíduo-coletividade, recolhimento-júbilo, veneração-familiaridade, é o homem total ligado à sociedade que manifesta a divindade ao assumir e sublimar tudo o que o constitui como homem"⁷.

As religiões africanas são partes integrantes de todos os aspectos da vida da comunidade e são chamadas religiões comunitárias; para os Africanos a condição do ser humano é viver em comunidade e estar integrado nela, participando das crenças e dos diferentes tipos de rituais.

A religião torna-se portanto um suporte que oferece à comunidade os meios para resolver os problemas do dia a dia e as suas preocupações, mas não fica no imediatismo; é através da religião que o grupo busca respostas às ansiedades mais profundas do ser humano: de onde viemos e para onde vamos.

B. Os antepassados

A religião tradicional está fundamentada no passado e o regresso ao passado não é apenas intelectual. Tocar no antepassado é tocar em todo o sistema social, moral e espiritual. Basta que um antepassado seja ofendido para que as coisas não corram bem. O sistema religioso é uma fonte de onde toda a vida depende e lhe confere um significado extremamente importante. As decisões são tomadas dentro deste sistema. É interessante notar que esta referência ao passado é tão forte que uma pessoa ao se identificar não o faz com o seu nome pessoal o faz com o nome clânico, isto é, usa o nome do antepassado. A pessoa não é consistente sem se referir ao passado⁸.

O mais velho tem a posição de mais próximo dos espíritos dos antepassados e exerce a função de mediador entre os vivos e os mortos que o responsabilizam pelas tarefas de poder e pela manutenção da ordem que os espíritos criaram e querem que se mantenha. Por isso o mais velho é protegido pelos espíritos dos antepassados. " Os espíritos, através dos mais velhos, velam pela vida do grupo, asseguram ao mais velho a possibilidade de ser o pólo na povoação, de ser o gestor, organizar e coordenar todas as atividades do grupo".⁹ Se os mais velhos administram, organizam e coordenam, aos mais novos "cabe aceitar, respeitar, obedecer, submeter-se, e aderir às orientações dos mais velhos. Os que tentarem usurpar o poder, as funções e os privilégios dos mais velhos provocarão as iras dos espíritos"¹⁰.

A ordem ideal constitui um modelo da ordem social: o sucesso da vida económica, política e social é resultado da ação protetora das forças do mundo ideal." A ação protetora dos espíritos depende do respeito que os grupos de descendentes manifestam pela ordem criada e vigiada pelos antepassados; todo o insucesso obriga os grupos a entrarem em

⁷ A.A.V.V., *Introdução à cultura Africana*. op. cit., p. 126.

⁸ LANGE, A., *Questões cristãs à religião tradicional africana*. Moçambique. Braga 1992, p. 120.

⁹ FIALHO, F. J., *Antropologia económica dos Thongas do Sul de Moçambique*. Dissertação de doutorado. Lisboa: 1989, p. 435.

¹⁰ Id., p. 439

conflito isto irá reforçar as relações dos vivos com a ordem ideal, mediada pelo poder, e, por estas relações, os vivos reforçam a ordem entre eles e o poder dos antepassados¹¹.

Deste modo as crenças e práticas religiosas asseguram, através dos mais velhos, a vitalidade das diferentes categorias sociais (mais velhos/mais novos, homens/mulheres)... e garantem o funcionamento de todas as instituições organizadoras e reguladoras das atividades de produção/reprodução da sociedade¹².

O papel do antepassado como elo de ligação entre o grupo e o Criador está presente em todos os atos que se praticam dentro da comunidade. A morte constitui um renascimento simbólico; é por isso que os antepassados são os atores sociais do grupo, ainda que não estejam vivos¹³.

Nas sociedades Africanas permeadas pela "presença" dos antepassados que constituem "a soma dos vivos, dos mortos e dos que ainda estão por nascer"¹⁴, as pessoas não podem separar-se da sua tradição, do seu próprio grupo, pois isto implica "a exclusão das suas próprias raízes e suas origens, de seu contexto de segurança, de suas relações familiares e de tudo que o faz certo de sua existência. Estar sem um desses elementos é como ser arremessado para fora do seu próprio mundo. Sendo assim, estar sem religião, conduz à auto-excomunhão de toda uma vida da própria sociedade, transformando o indivíduo em um estrangeiro, em uma pessoa fora de/alheia ao seu próprio grupo"¹⁵.

2. O ENCONTRO COM O OCIDENTE

O encontro com o mundo individualista ocidental e o mundo africano se deu através da colonização e das missões que deram lugar a crises profundas e radicais. A maioria dos colonizadores eram dominados por um espírito de exploração e de dominação: desprezaram a autoridade dos anciãos, desestruturaram as famílias, interferiram nas estruturas sócio-religiosas e nos espaços geográficos começando assim um processo de destruição das identidades dos povos negros com a imposição violenta e arbitrária de uma nova cultura e mentalidade, aquela de submissão aos brancos. Os missionários contribuíram com os governos coloniais e impuseram uma cultura e uma religião totalmente estranha àqueles povos.

Evangelizar significava 'civilizar' de acordo com os parâmetros ocidentais, significava educar para ser um 'assimilado'. Assimilados (na África portuguesa) eram os negros que frequentavam a escola colonial e eram "ensinados" a agirem de forma "civilizada", a partir do ponto de vista do colonizador. Os portugueses acreditavam que havia melhores possibilidades de um Africano se tornar "espiritualmente" português se fosse católico romano¹⁶. E assim o cristianismo conseguiu impor-se tirando o 'assimilado', o 'convertido', do seu mundo cultural, religioso e familiar.

Sem tradições nacionais e com pouca resistência, África imitava o espírito europeu e se encaminhava para a destruição gradativa de seus valores profundos e de sua cultura.

¹¹ Id., p. 434

¹² Id., p. 434

¹³ LUNDIN, op. cit., p. 38

¹⁴ Id., p. 44.

¹⁵ Id., p. 44.

¹⁶ MONDLANE, E. C., *O movimento de libertação de Moçambique*. In: *Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, n. 5(1989), p.12.

Durante muito tempo não se teve consciência de que a cultura de um povo é o principal elo de solidariedade entre as estruturas sociais¹⁷. Não se compreendeu que uma vez quebrado um elemento desta estrutura todas as manifestações culturais sofreriam as conseqüências. Sem liberdade é impossível que desabroche uma verdadeira cultura, pois quando as estruturas sociais são importadas e impostas algo de importante morre na alma do povo¹⁸.

A. As lutas de libertação

Se a política colonial e as missões favoreceram as mudanças em nível das populações Banto, também as lutas de libertação contribuíram e muito para aumentar e dar continuidade à desagregação social e, muitas vezes, de maneira até mais drásticas em relação ao período colonial.

Se por um lado as lutas de libertação foram vistas pelos povos africanos como legítima enquanto os libertava do poder dos colonizadores, por outro, as ações dos partidos no poder, não foram vistas como legítimas e isto fez com que o campo de suporte do tradicional ruísse nas bases: o agregado familiar foi reduzido ainda mais, passando por um processo de nuclearização das famílias; as aldeias e as tribos, unidade básica de produção, tanto política como econômica e religiosa, foram transformadas em aldeias comunais e cooperativas de produção estatal; o poder tradicional teve que ceder o lugar ao poder formal e todas as formas religiosas foram drasticamente negadas e rejeitadas. Uma vez retirado todo mecanismo de controle social tradicional, surgiu a apatia e a indiferença.

A população que vivia nas aldeias e nas tribos já não tinha seus chefes e suas terras. Foram-lhes impostos novos "chefes governamentais", totalmente desconhecidos e pertencentes a outros grupos étnicos. As tribos e os clãs tiveram que abandonar suas terras e prerrogativas familiares e individuais para se dedicarem ao trabalho "coletivo" nos campos da cooperativa de produção. Tais terras tomadas aos clãs começaram a pertencer ao Estado sem que a população soubesse como e nem porquê. A esta situação a população responde com uma atitude de não querer sentir a pertença de fato onde hoje ela é real. Mais uma vez os governos de libertação não analisaram os diversos sistemas sociais, sua história e suas diferenças¹⁹.

¹⁷ A.A.V.V., *Colonialismo e lutas de libertação. 7 cadernos sobre a guerra colonial*. Porto 1974, p. 56.

¹⁸ Id., p. 57-58.

¹⁹ É de se destacar aqui o significado da "Terra" para os povos africanos para poder compreender o que significou para os clãs ter que abandonar suas terras e viver fora delas. A Terra tem uma conotação muito dinâmica e profunda para os povos Africanos. A Terra não só simboliza a fertilidade e a vida, mas também o local sagrado que pertenceu e onde viveram e morreram seus antepassados. Por isso, cada membro da aldeia tem uma ligação muito forte com a Terra, não com qualquer terra, mas a terra dos seus antepassados. É neste espaço que os descendentes irão morar com suas famílias e é nele que continuamente eles irão, através dos rituais, entrar em contato com seus antepassados. Se a terra é fértil é porque os antepassados estão nela enterrados. São eles que irão garantir a abundância e a fertilidade. Portanto sair da terra natal significa romper não apenas com a comunidade dos antepassados, mas também com a possibilidade de continuar a "viver" pois a fertilidade da terra é garantida apenas pelos antepassados. Sair da terra da sua aldeia ou tribo, significa romper com as suas raízes culturais, perder sua identidade e romper com sua comunidade. Como conseqüência disto aqueles que, durante o socialismo, foram obrigados a sair de suas terras para morarem em terras alheias se sentiram perdidos e arrancados pelas raízes, daquele espaço que lhes permitia viver. Por outro lado, os chefes das tribos que eram obrigados a acolher as novas tribos ou pessoas, não aceitavam e nem viam com bons olhos estes "intrusos". Isto veio a criar conflitos socioculturais e políticos profundos entre as várias tribos e etnias.

Continuou assim o triste processo forçoso da alteração das tradições, das estruturas sociais e psicológicas das tribos e das pessoas que tinham que abandonar "sua" terra, seus antepassados, seus lugares sagrados e ocupar as terras de outros.

Até os nomes das aldeias foram retirados, seguindo uma política de retirar os vestígios de tudo quanto era "velho" e "obscurantista", colocando em seus lugares nomes "novos", símbolo da "nova revolução social", do "homem novo", do "desenvolvimento" e do "progresso".

A supressão do chefe local²⁰ e da própria instituição da chefia, sancionada por uma visão cosmológica que era apreendida no processo de socialização do indivíduo e do grupo, levou a uma estagnação da instituição do papel dos anciãos dentro do espaço social do grupo. Passou-se então a verificar-se um vácuo, os velhos sentiam-se inúteis porque não exerciam alguma função na sociedade.

Com toda esta mudança sócio-cultural, a sociedade ficou doente, entrou numa desordem social total. E, como se não fosse suficiente, em muitos países, a guerra veio piorar a situação e constituiu o "bode expiatório" para muitos dos erros dos novos governos de libertação.

Portanto os resultados não foram os esperados e o processo de transformação, de libertação e desenvolvimento econômico revelou-se um fracasso.

Com a supressão das formas de organização social das sociedades tradicionais, através de perseguições e banimentos, houve uma dissociação sócio cultural violenta. Retirou-se do espectro sócio ideológico algo que tinha suporte e bases locais e era visto como justo pela população local, e tentou-se substituir por algo que a população via como estranho.

Por este motivo a população sentiu-se rejeitada e começou a questionar todo o seu universo sócio-cultural que estava assente em hierarquias, crenças, valores e modelos, como qualquer sistema político. Como reação deu-se, nalguns aspectos e de maneira camuflada, um ainda maior apego às formas tradicionais o que levou a uma estagnação da dinâmica da sociedade.

A falta de controle social do grupo, tarefa específica do chefe, tornou-se um fato e alguns vêem nisso a causa da falta de respeito e controle dos jovens, da marginalidade e da violência. Gerou-se uma desordem social dentro do grupo com repercussão em toda a organização social tradicional: organização da família, do espaço e do trabalho.

Os promotores destas idéias concebiam tudo como se "as populações fossem uma enorme série de indivíduos, homens, velhos, mulheres e crianças sem algum vínculo social, que subsistiam independentemente uns dos outros, como se não estivessem já historicamente e de longa data organizados. Era a ideologia da página em branco" (...). "O marxismo foi a referência universalista a partir do qual se operou a negação das realidades do país, uma cegueira paradoxal (...)".²¹

Todas estas atitudes repressivas deixaram a maioria das sociedades descontroladas e desguarnecidas de todo um conjunto de normas e regras que apesar das limitações que possuíam, eram fundamentais para a sua salvaguarda sem a substituição por outras que funcionassem.

²⁰ Cf. LUNDIN, B. I., *Projeto 'Autoridade, Poder Tradicional'* Documento de pesquisa. UEM (DAA). Agosto 1992.

²¹ GEFFRAY, C., *A causa das armas. Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*. Porto 1991, p. 16.

B. A destruição cultural

Ao se negar a tradição, ao impedir aos pais de transmitirem seus ensinamentos, crenças e valores culturais, impediu-se o desenvolvimento do povo africano e ao mesmo tempo contribuiu para que uma inteira geração perdesse o contato com aquilo que de mais rico e autêntico possui um povo: a sua cultura.

Os ritos de iniciação que constituíam para os jovens momentos bem definidos e marcantes da sua personalidade, tanto em nível pessoal, como social e religioso, foram desaparecendo sem serem substituídos. O colonialismo com os seus missionários e o socialismo proibiram a prática desta educação considerando-a obscurantista. Em algumas regiões continuam estas práticas, mas de forma clandestina.

A evolução normal da sociedade contribuiu também para que estas práticas tenham conhecido fortes alterações. Muitos detalhes dos ritos deixaram de existir. Às meninas é dado algum conhecimento pela avó. Uma boa maioria dos rapazes nas regiões em que ainda os ritos de iniciação constituem uma norma, vão fazer a circuncisão nos hospitais.

Mas a reação dos jovens começa a ser muito grande. A guerra com os numerosos deslocados e refugiados que saíram das suas zonas de origem, das suas aldeias e comunidades; o abandono forçado das terras, por parte de inteiras populações para outras regiões totalmente diferentes das suas; a substituição destes valores pela escola; a proibição, dos costumes e tradições, fizeram com que a maioria dos jovens africanos caíssem naquilo que muitos estudiosos dos fenômenos sociais chamam de "vazio cultural".

As mudanças apontadas e ainda a falta de controle social, a falta de respeito pela família, a desagregação de famílias inteiras atingidas duramente pela guerra, o número cada vez mais crescente de jovens que vivem separados de suas famílias e tribos e sem alguma referência moral e social, fazem com que exista hoje uma grande perda de identidade sócio-cultural. Os jovens desta geração perderam o contato com os seus pais, com os mais velhos da sua aldeia. Por outro lado nem os governos nem as instituições religiosas conseguiram oferecer alternativas viáveis para esta geração. Muitos jovens e crianças encontram-se agora totalmente desenraizados do seu povo, da sua aldeia e da sua cultura e sem nenhum ideal pelo qual lutar. Não existe mais o controle social que garanta uma certa ordem e segurança na comunidade. Os valores, como a solidariedade, a justiça, o trabalho, a honestidade, não são praticados por grande parte da população, sobretudo os mais jovens.

Tudo isso deu lugar ao fenômeno da marginalidade, da prostituição, da droga, da corrupção, acompanhado pela grande desvalorização do ser humano. Nas jovens famílias a criança deixou de ser "alguém" importante para a vida de uma comunidade, "alguém" para ser "celebrada" e tornou-se algo para ser jogado no lixo, desprezado e até odiado.

Estes períodos que acabamos de expor podem ser sintetizado no seguinte quadro:

- "O primeiro pode ser chamado colonialista: é o momento em que brota a fascinação pela novidade ocidental com a esperança de participar das suas riqueza e de ser admitido à mesma mesa;
- O segundo foi o período da frustração, isto é, do sentimento de desmoronamento completo do grupo, das antigas solidariedades e certezas, da moralidade, sem ganho nenhum: nem de riquezas, nem de segurança, nem de poder. É um momento terrível no qual se acham os mais pobres, os desvalorizados, os não integrados na nova cultura e sem a posse da tradição;

- O terceiro período é o da retomada da vontade de viver e de resgatar a si mesmos. Mas já é tarde demais pois os velhos morreram com os seus segredos".²²

Desemboca-se assim naquelas soluções ambíguas, mas significativas, do sincretismo cultural e religioso. É preciso agora organizar juntos uma síntese e fazer da tradição um espaço de crítica construtiva e de libertação. Mas como?

3. TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: DESAFIOS À MISSÃO

Não seria razoável que nos dedicássemos na busca obstinada dos valores culturais africanos do passado, para a partir deles descobrir uma nova dimensão de vida. Temos que olhar o presente e ver neste presente o que ficou dos valores tradicionais e a partir daí expurgar os contra-valores para ir à busca de uma síntese entre aquilo que cultural e tradicionalmente o povo africano deseja ser.

Basta lançar um olhar sobre a África, para nos darmos conta de que apesar dos sinais de esperança e ressurreição, são muito os sinais de morte, de miséria, de desespero, de vulnerabilidade e de um vazio ético sem limites; motivos pelos quais os bispos moçambicanos na carta pastoral "Consolidar a Paz" chamam a atenção para a necessidade de recuperar "as próprias raízes culturais (...) do povo, por longos anos recalçadas e negadas como obscurantistas e reacionárias" e por isso se sentem "impelidos a alertar as comunidades cristãs e todos os homens de boa vontade para a falta, na nossa sociedade, dos alicerces indispensáveis para se poder construir solidamente a Paz de Jesus Cristo. Lamentamos a falta generalizada de um autêntico compromisso com a fraternidade e o bem comum, com a verdade, a honestidade e a justiça. Estas falhas estão inseridas no tecido social e político" (nº9). "Desde o topo até às bases nada se consegue sem suborno(...). Não podemos nos conformar com esta cultura de corrupção que corrói a imagem pública dos governantes, rouba a autoridade moral às instituições e favorece o nepotismo, o favoritismo e até o racismo (...) Esta corrupção é filha de múltiplas forças históricas, sócio-econômicas e culturais. (...) Apontamos a subversão dos valores: os tradicionais, espirituais e religiosos que foram desprezados, rejeitados e substituídos pelos do homem-máquina, do homem objeto da sociedade. Estes valores foram-se perdendo cada vez mais, até chegarmos ao atual vazio ético onde até à própria vida se nega o seu valor sagrado. A guerra levou o homem a sentir-se dono absoluto da vida. A miséria, a fome, a deslocação forçada, o desmoronamento das estruturas sócio-culturais tradicionais levaram-no a cometer impunemente, atos ilícitos, e a ver na ganância pela riqueza o único objetivo a alcançar a qualquer preço." (n. 8 a 13).

É um documento duro e que retrata a crua realidade do povo moçambicano e de grande parte do continente Africano.

Não podemos esquecer também o crescente fenômeno de urbanização, cada vez mais caótico e que leva às periferias das cidades grande número de pessoas que fogem das guerras, das calamidades naturais, que estão à procura de emprego ou de melhores condições e qualidade de vida (escola, assistência sanitária).

O ambiente e as condições sociais dos centros urbanos criam mudanças nos costumes e no estilo de vida. Em muitas cidades africanas os costumes tradicionais estão desaparecendo por completo. A urbanização é testemunha de uma pluralidade de culturas,

²² CISCATO, E.; *A serviço deste homem. Apontamentos de iniciação cultural*. Maputo, Paulinas 1989, p. 63.

da perda do tradicional apoio familiar, da falta de emprego e da quebra de comunicação entre pais e filhos.²³

Diante deste quadro e a partir dos escombros da tradição, mas sobretudo a partir dos escombros de um povo faminto e continuamente provado pelas guerras, misérias, lutas tribais e calamidades naturais, se faz necessário expurgar os contravalores que se infiltraram na realidade africana e buscar uma dinâmica de esperança, de modo que, sem negar a sua verdadeira raiz cultural, possa se transformar em um povo capaz de assumir a sua própria história de libertação.

Apesar do contexto diversificado pelas relações étnicas, raciais e culturais e pela decadência dos valores tradicionais podemos afirmar que muitos aspectos da tradição, continuam ainda a influenciar e a determinar as decisões dos povos africanos. O sistema referencial das tradições (amor à vida, veneração dos antepassados, sentido profundamente sagrado da vida), permanece no profundo das consciências e não obstante as ameaças, a fragilidade e a vulnerabilidade, continua acompanhando as mudanças violentas da vida destes povos. Por isso urge realizar um trabalho árduo e dinâmico de recuperação das raízes profundas do povo africano, se quer ajudar a geração atual a superar a crise e o vazio ético em consequência da imposição cruel de um modo de pensar e agir da sociedade moderna ocidental.

Perante a atual realidade impõe-se, não uma restauração cultural nostálgica, mas um repensar crítico da cultura; é preciso discernir entre as tradições ainda vivas, aquelas que foram enterradas mas que continuam, de forma inconsciente, influenciando as decisões do grupo; e aquelas que foram esquecidas e se degradaram totalmente. Uma vez feito este discernimento, deve-se avaliar quais tradições merecem ser resgatadas e possuem um sentido profundo para o africano, evitando assim correr atrás de uma África que já não existe²⁴.

Faz-se necessário afirmar que a Tradição ainda que transformada e enfraquecida, constitui o ponto que dá força e orienta o “resto”, o “resto” que permanece fiel, que se agarra com unhas e dentes ao que “sobrou”, não obstante todas as dificuldades históricas. Ficou um ‘resto’ fiel, o resto de Israel, o resto que regressou, ‘porque mesmo que o teu povo (...) fosse como areia do mar, apenas um resto voltará’ (Is 10,20).

A este ‘resto’ que permaneceu fiel Deus reservou os seus favores e por meio deles preservou o futuro de todos. Deste resto fazem parte os anciãos. Alguns deles constituem ainda os garantes e fonte rica de experiência e de informação sobre a Tradição, que certamente mudou, mas ainda não desapareceu. E em algumas situações houve até um apego mais forte às formas tradicionais. O que se, por um lado, levou à estagnação da dinâmica da sociedade, por outro, garantiu a sobrevivência da própria comunidade.

Diante deste quadro nos cabe visualizar o “KAIROS” do Senhor, o momento favorável para que Deus realize o seu projeto de salvação. Este, talvez, seja o tempo em que Ele eliminará o peso dos ombros do povo africano e o seu jugo desaparecerá do seu pescoço”(Is 10,27). E por isso cabe à Igreja, neste momento histórico, rever a sua ação missionária e descobrir modos adequados para garantir o regresso à ‘vida’ antes que seja tarde. Trata-se de ajudar os grupos étnicos a reconquistar a sua identidade “confiscada” e reconhecer-lhe o direito à ‘vida e vida em abundância’ (Jo 10,10).

²³ IMBISA, *Inculturação. A fé que cria raízes nas culturas africanas*. Documento de Estudo. Maputo:1994 n. 76.

²⁴ BUJO, B., *Teologia Africana nel suo contesto sociale*. Brescia 1988, p. 101-103; ELA, J. M., *Fede e Liberazione in África*. Assisi 1986, p. 50-52.